



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

---

### **HOMILIA**

*Ref. HML\_25/2016*

---

*Homilia no dia de Natal*

---

*Braga, Sé Catedral, 25.Dez.2016, 11h30*

### **Natal, habitar o humano**

Acabamos de ouvir: “E o verbo fez-se carne e habitou entre nós. Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho Unigénito, cheio de graça e de verdade”. Nós vimos e experimentamos que o Verbo se fez carne e habitou entre nós. Eis a realidade profunda. O filho unigénito do Pai quis montar a Sua tenda na terra e habitou entre nós.

Hoje, a história da Igreja deve seguir um itinerário semelhante: não esquecer a sua vocação de sacramento da presença de Deus entre os homens. O amor de Deus, tal como há dois mil anos, anseia por entrar e permanecer na história da Humanidade. Crescemos, infelizmente, habituados à dicotomia entre o humano e o divino. Mas, o que a encarnação nos revela é que, em Cristo, o divino fez-se carne e deseja abraçar tanto a beleza como a ambivalência e as interrogações da realidade humana.

Cristo deve habitar o mundo e salvar o Homem: eis o conteúdo da mensagem a ser proclamada pela Igreja. Para isso são necessários intérpretes cujos pés sejam belos, mesmo que caminhem sobre os íngremes montes da problemática actual. Estes mensageiros – que são todos os membros da Igreja – devem preocupar-se menos com a quantidade das verdades a anunciar e mais com o estilo de vida a testemunhar. Uma vida fiel a Jesus é, em si mesma, uma Verdade anunciada.

Alguém referia que muitos pretendem que o cristianismo seja um “corpo estranho” na Europa. Mas dizia, ao mesmo tempo, que era possível manter a sua relevância caso ela seja credível e fiel ao seu intento de mostrar Cristo. Deus habitará o presente histórico dos Homens quando estes assumirem – enquanto crentes – o papel que lhes compete. Refiro-me sobretudo à transparência de vida e ao testemunho de que Deus vive entre nós. É isto o que falta à Igreja! Avança preocupada com a reforma e com a modernização das estruturas quando o fundamental é de outra ordem: Deus deve habitar o humano.

O Natal recorda-nos isto mesmo. Deus desceu para que o Homem fosse elevado até Si através de uma profunda intimidade de relação. Nesta responsabilidade de santificar o humano, parece-me oportuno deixar, nesta quadra natalícia, algumas referências a ambientes particulares da vida humana.

Sempre com o princípio de levar o divino a habitar no humano, olho para as famílias e para as suas circunstâncias. Creio que é importante defender a correspondência do amor nas famílias. Amar é a identidade da família e cada membro desempenha uma tarefa importante. Os cônjuges necessitam de



redescobrir a arte de amar e de se avaliarem quotidianamente. Tem crescido o amor ou é necessária uma conversão que elimine egoísmos acumulados? Os filhos, por sua vez, acreditem na alegria da doação mútua. Apenas ela consola e cria um ambiente de mútua satisfação. Não basta coabitar juntos! É necessário que o divino habite nos lares, fruto de um interesse comum, e aí tudo se transforma e as possíveis carências materiais passam para segundo plano.

A presença de Cristo no humano exige uma atenção particular à habitação. Sabemos onde Portugal se encontra, comparando com outros países, no que diz respeito à qualidade da habitação. Ainda é difícil viver em certas casas sem água nem saneamento. A dignidade proclamada por Cristo deve chegar a estes pormenores e os orçamentos do Estado deveriam dar prioridade a certas situações que parecem desconhecidas.

O Estado não pode fugir à responsabilidade de defender e de propor valores que superem o carácter imediatista da satisfação dos gostos pessoais. Mesmo em tempos de “pós-verdade”, nunca se pode renunciar a princípios intemporais e aceites universalmente. Defender o que mais convém a grupos ou a pessoas individuais, dispensando uma reflexão acurada e pertinente, é um sintoma grave de uma sociedade à deriva. Pode até satisfazer ou agradar a alguns, mas priva a maioria dos cidadãos da verdadeira felicidade.

Cristo, nos lares, exige atenção a toda a legislação que nos pretendem impor. Sabemos que agora querem que o aborto seja incluído nas orientações curriculares das escolas. Será uma sociedade evoluída aquela que apresenta o aborto e as técnicas abortivas a crianças de tenra idade? Que vantagens advêm de ensinar às crianças que é legítimo matar bebés no ventre da mãe? Podemos aceitar passivamente que a legislação se confronte com o valor inviolável da vida? Dêmos às crianças o respeito por tudo o que é humano e ensinemo-las a crescer no amor à vida. Que o povo português não permita que uns poucos deputados nos imponham ideologias que ofendem a dignidade da pessoa humana.

O Natal, qual momento favorável em que Deus visita a Humanidade e esta se eleva a Deus, ensina-nos que há muita gente a viver nas periferias existenciais. Para estas, o Natal deveria ser uma casa comum onde todos e cada um têm um lugar de consolação e de conforto. Sabemos, porém, que esta não é a realidade de hoje. Urge, por conseguinte, trazer para Casa tantos e tantas que foram marginalizados e que, por culpa própria ou da sociedade, vivem amargurados. Ainda temos uma sociedade constituída por um pequeno grupo de muito ricos e um amplo grupo de muito pobres, onde a classe média vai perdendo força pela sobrecarga de impostos.

O drama dos refugiados permanece ainda na nossa memória. Somos tocados e sentimos a dor de vidas ceifadas ou à procura de um local onde recomeçar a vida. Com o passar dos dias e dos meses, parece que nos fomos habituando às imagens e caímos numa insensibilidade impressionante. O Santo Padre vem, de novo, bater às portas das paróquias. Pede-lhes que encontrem famílias dispostas a acolher refugiados. Neste Natal, renovo este pedido: que as paróquias interpelem as famílias e que alguma se deixe tocar por este gravíssimo problema que não nos deveria deixar dormir em paz.



Este trabalho de trazer para a mesa comum quem tem fome, de vestir quem se encontra desprovido de roupa, de dar repouso a quem dele necessita, de estar próximo do sofrimento, de redescobrir a beleza dos rostos das pessoas sozinhas e envergonhadas não é tarefa só das instituições. A cada um de nós, portador da dignidade de Filho de Deus, é confiada a tarefa de restituir a alegria que só a presença de Cristo oferece. O Santo Padre, na Carta Apostólica *Misericordia et misera*, sintetiza esta missão numa palavra: consolar! “Consolai, consolai o meu povo” (Is 40, 1). Através de cada um deve “chegar uma palavra de esperança a quantos estão no sofrimentos e na aflição”. A misericórdia expressa-se na “proximidade, no carinho e no apoio” ou ainda no “enxugar as lágrimas” como atitude que “rompe o círculo da solidão” onde muitos estão aprisionados.

Cristo deve habitar o humano – na sua realidade complexa e nas suas manifestações – é a mensagem que deixo para este Natal. Que o Natal nunca se torne uma palavra vazia e desprovida dos nossos melhores sentimentos de afecto e de ternura. A todos os cristãos e pessoas de boa vontade: um Santo Natal!

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*